

Mudança de surpresa em meio à crise

No dia imediato à primeira queda da cotação do dólar, desde que a moeda começou a flutuar em 15 de janeiro, o mercado foi tomado de surpresa com o anúncio de que o presidente do Banco Central (BC), Francisco Lopes, fora exonerado do posto. Para seu lugar foi indicado o economista Armínio Fraga Neto, que já ocupou a diretoria da Área Internacional do BC, quando Marcílio Marques Moreira se encontrava à frente do Ministério da Fazenda.

Lopes, que substituiu Gustavo Franco na presidência do BC quando o governo resolveu mudar a orientação da política cambial, teve seu nome confirmado pelo Senado, mas não chegou nem mesmo a tomar posse oficialmente. O motivo para sua dispensa, segundo a nota à imprensa, seria a decisão do governo de "emprender reformulação na diretoria do Banco Central do Brasil (...) com o objetivo de reforçar a instituição em vista da recente mudança do regime cambial brasileiro".

Como Lopes integrava o grupo responsável pelo atual sistema cambial, e ele não vai sofrer alteração, é evidente que sua saída se deve a divergências com a orientação de seu superior imediato, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, ou, possivelmente, à insatisfação do próprio presidente da República com a atuação do BC.

Fosse em outros países com costumes políticos mais evoluídos, a natureza das discordâncias não poderia deixar de ser publicamente discutida, havendo espaço para que os altos funcionários defen-

dessem suas posições. É altamente improvável que isso ocorra agora, dada a delicadeza da situação. Mas, pelo que tudo faz prever, a questão será levantada na sabatina a que Armínio Fraga será submetido na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado para ter seu nome confirmado como o quinto presidente do BC desde o início do primeiro quadriênio do presidente Fernando Henrique Cardoso.

**Por si, a
passagem de
Armínio Fraga
por instituições
estrangeiras não
o desabona**

Normalmente, a substituição de um presidente do BC, em meio a uma crise como a que estamos vivendo, teria uma repercussão muito negativa nos mercados externo e interno. No caso de Fraga, a julgar pelas opiniões expressas pela maioria dos analistas e operadores, conseguiu-se evitar que a mudança do titular de um cargo de tanta importância transmitisse a impressão de indecisão ou de fraqueza.

Isso por ser Armínio Fraga uma figura bem conhecida nos meios financeiros dentro e fora do País. Além da experiência que teve no BC, tendo tido oportunidade de tomar parte em negociações com o FMI e o Clube de Paris, ele trabalhou em instituições financeiras privadas no Brasil e tem trânsito internacional, projetando-se pelo domínio da área de câmbio e investimentos. Não concordamos, em absoluto, com os opositores que

afirmam que o fato de Fraga ter trabalhado para o Soros Fund, controlado pelo controvertido megaspeculador George Soros, o desqualificaria para o cargo de presidente do BC. Armínio Fraga pertenceu também ao quadro do Salomon Brothers e, em ambos os casos, o fez na condição de profissional do mercado; o que, por si, não o desabona para as funções que exercerá.

Por enquanto, à espera da aprovação de seu nome pelo Senado, ele age como assessor especial da Presidência da República e, ontem mesmo, participou da reunião mantida pela equipe econômica e a missão do FMI, integrada também pelo vice-diretor-gerente da instituição, Stanley Fischer.

A capacidade de Fraga de entrosar-se com a cúpula do governo e produzir resultados efetivos será posta à prova nos próximos meses. A cotação do dólar ontem fechou em R\$ 1,75, indicando que a tendência declinante da moeda americana pode ter continuidade até atingir um ponto que satisfaça às exigências da exportação brasileira.

Espera-se que o futuro presidente do BC concorde decisivamente para isso, de maneira a possibilitar que o regime de livre flutuação do câmbio perdure. E esse é apenas um de seus desafios. E, sobretudo, cumpre ao BC dar coerência à política monetária enquanto se processa o ajuste fiscal. O teste final, não só de Armínio Fraga ou da equipe econômica, mas do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, será levar o País a retomar o desenvolvimento. ■